

TRADIÇÃO E CONTRADIÇÃO NO UNIVERSO FEMININO DE RAMI, DE **NIKETCHE**: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

Scheilla Graziella Cayô Cavalcante

Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.



Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar em que medida a escrita de Paulina Chiziane desnuda e coloca em evidência as contradições e dificuldades enfrentadas pelas mulheres moçambicanas. Para tal, realizamos uma análise da personagem Rami, do romance **Niketche**: uma história de poligamia (2004). Os resultados dessa análise nos mostram que a autora penetra verticalmente no universo feminino e traduz os desconfortos e angústias da mulher, silenciada em espaços eminentemente masculinos e opressores.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Paulina Chiziane. Personagens femininas. Opressão feminina.

O romance **Niketche**: uma história de poligamia (2004), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, narra a história de Rami, mulher de meia-idade, mãe de cinco filhos e casada há vinte anos com Tony, um alto comissário de polícia. A família pertence à classe média e vive confortavelmente na capital de Moçambique, nos dias atuais. A narrativa tem início quando Bentinho, o caçula de Rami, quebra com uma pedra o vidro de um carro que passava na rua, perto de casa. Esse incidente faz com que Rami tome consciência da ausência sempre repetitiva e prolongada de seu marido Tony. É o ponto de partida para o

começo de uma longa e tortuosa caminhada para a reconquista do seu amor e a (re)descoberta do seu eu, até então, silenciado e subjugado.

A partir desse acontecimento e de sua consequente tomada de consciência, Rami decide investigar o porquê das tantas ausências do marido e acaba descobrindo que está sendo traída. Ao longo de sua investigação, Rami acaba por descobrir que, além de ser traída, vive com um homem polígamo, casado formalmente com uma mulher – ela, Rami –, e informalmente com outras quatro:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2004, p. 58).

Ao conhecer suas rivais, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, Rami entra em contato com séculos de tradições e costumes, com a crueldade da vida feminina e também com a diversidade de mundos e culturas que formam Moçambique. Rami percebe, através de seu contato com as outras esposas de Tony, que os problemas das mulheres em seu país independem de suas origens, pois, de um modo ou de outro, todas derivam de uma tradição patriarcal. Cada uma dessas mulheres possui características físicas e psicológicas que, ao mesmo tempo em que causam a ira e o ciúme de Rami, a encham também de ternura, piedade e admiração. Rami acaba por descobrir, ao longo do romance, a amizade, a fraternidade e a solidariedade em relação às suas rivais.

Todas as mulheres, com exceção da mais jovem, Mauá Sualé, constituíram com Tony uma família. Estar frente a esta realidade, da traição do marido, e tomar parte em uma prática cultural tão limitadora para as mulheres – a poligamia –, desperta em Rami a consciência de sua subalternidade, sempre oprimida e sem voz, na condição de mulher e esposa:

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos

tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. (CHIZIANE, 2004, p. 14).

A partir dessas primeiras considerações sobre o romance *Niketche*: uma história de poligamia, tentaremos demonstrar como é construída a principal personagem feminina do livro: Rami.

Rami

Em busca da reconquista de seu amor, Rami decide conhecer as outras quatro esposas de Tony e, utilizando-se de uma inusitada estratégia, une-se a essas mulheres. O que, na verdade, as faz caminhar nessa direção é o sentimento de reconhecimento mútuo. Todas são mulheres obrigadas a participar de uma prática opressora e a viver em uma cultura na qual lhes é negada qualquer voz. Rami percebe que, ainda que haja entre elas muitas diferenças, inclusive étnicas e culturais, todas são, em comum, solitárias, vivendo em um país recém-saído de duas guerras, a de Independência e a civil, com um saldo incalculável de miséria e morte:

– Somos éguas perdidas galopando a vida, recebendo migalhas, suportando intempéries, guerreando-nos umas às outras. O tempo passa, e um dia todas seremos esquecidas. Cada uma de nós é um ramo solto, uma folha morta, ao sabor do vento – explico. – Somos cinco. Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino. (CHIZIANE, 2004, p. 105).

Através dessa união e ao tornarem pública a situação, os estatutos que até ali definiam e simbolizavam tradições que impunham controle social às mulheres se modificam e se transformam. Elas passam de elementos passivos a elementos ativos em uma nova dança, em um novo *niketche*, que se torna, agora, atualizado e coletivo.

Sem dúvida, a mola propulsora de todo esse processo é Rami. A personagem nos é apresentada de maneira simples, e em uma leitura ingênua, pode ser vista como uma personagem aparentemente débil e sem inserção e engajamento em sua condição feminina, já que, em alguns momentos, é tomada por uma quase intransponível submissão e sujeição. Mas à medida que ela, através da sua narrativa em primeira pessoa, vai nos permitindo conhecer e adentrar seu mundo mais íntimo, sua alma, percebemos o quão complexa é a personagem. Rami é construída pela autora como uma porta-voz; ela não se confronta somente com as suas dificuldades íntimas, particulares. Ela é parte de uma sociedade e em seu processo de (re)construção identitária, dá voz às mulheres de seu grupo, denunciando a condição opressiva das mulheres, que vivem em um entre-lugar, em uma sociedade pós-colonial que se quer moderna, mas que ainda está repleta de valores ancestrais, de tradições que, muitas vezes, cristalizam os indivíduos. A dicção da personagem é reforçada com uma série de denúncias que nos lançam desconfianças acerca da tradicional e aclamada fragilidade feminina:

Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. (...) Não, não sou nada. Não existo em parte alguma (...) (CHIZIANE, 2004, p. 90).

Mulher nenhuma tem lar nesta terra. Mulher é passageira, não merece terra. Mulher é palha de coco atirada na lixeira. Mulher é sua própria inimiga, inventa problemas que lhe dão a morte. Mulher é culpada (...) (CHIZIANE, 2004, p. 100-101).

Estou cansada de ser mulher. De suportar cada capricho. Ser estrangeira na minha própria casa. Estou cansada de ser sombra. Silhueta (...) (CHIZIANE, 2004, p. 203).

O que é uma mulher, nesta vida, senão simples mortalha para aquecer os pés na noite de frio? Qual o destino da mulher senão parir filhos, dores e temores? (CHIZIANE, 2004, p. 243).

Ao focalizar o mundo de Rami, a autora revela e denuncia a situação de grande parte das mulheres moçambicanas, presas na dicotomia opressora da modernidade x tradição. As mulheres de norte a sul presentes no romance são, na verdade,

representações de um feminino (ou de vários) e trazem em si, registrados, os traços da história, da memória e da diversidade cultural do país. As mulheres de Tony acabam por revelar uma “variedade em línguas, em hábitos, em cultura, pois, na verdade, elas formam uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional.” (CHIZIANE, 2004, p. 161):

- A Mauá é o meu franguinho – diz -, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mal e tenho vontade de gritar, procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar os pulmões e libertar a tensão. A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada fora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da sua vida, enchi-a de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira dama. Nela me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmagô, meu alicerce. (CHIZIANE, 2004, p. 139).

Tony é um homem polígamo que “ama mulheres de todo o país como se pudesse ser um marido nacional”. Não há limites “nem de raça, nem grupo étnico, nem região, muito menos religião”, ele transita livremente entre o norte e o sul, apesar de suas especificidades culturais, já que seus amores desconhecem fronteiras. (CHIZIANE, 2004, p. 209). No entanto, há uma demarcação bem explícita:

No sul a sociedade é habitada por mulheres nostálgicas. Dementes. Fantasma. No sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo (...) são tristes (...). O mesmo não se pode dizer do norte onde as mulheres são mais belas e mais alegres. No norte, ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus. Mas cuidado, no norte, o homem é Deus também. Não um deus opressor, mas um deus amigo, um deus confidente, um deus companheiro. (CHIZIANE, 2004, p. 175-176).

Segundo MENDES (2009):

Rami parece incorporar a representação alegórica de Mãe e de Território que aprende a conviver com as múltiplas paisagens culturais modernas sem submetê-las a um absolutismo nacionalista ou preconceituoso. Acolhe, protege e cuida amorosamente da diferença que constitui o outro não mais como ameaça para o eu, mas como espelho do eu que se (re)constitui agora como comunidade agregadora da alteridade. É capaz, portanto, de resguardar suas marcas originais sustentadas não pelo fundamentalismo étnico, mas pelo diálogo dinâmico e dialético com a história. (...) Tendo como base esse papel de “colectora de almas amarguradas”, é a própria Rami quem protagonizará as veias abertas do preconceito, além de evidenciar as cicatrizes sociais, históricas e culturais impressas no corpo feminino (das mulheres e da África considerada mãe), degradado pela própria história e pelas suas tradições que universalizaram-se e contaminaram, de forma fragmentada e dualista, o cosmo feminino e africano. (MENDES, 2009, p. 69-70, grifos da autora).

O romance retrata uma sociedade que vive em um ambiente no qual se chocam duas realidades: por um lado, a realidade dos valores ancestrais, repletos de obrigações e que oprimem as mulheres. De outro lado, os legados culturais exteriores trazidos pelos colonizadores, pela cultura branca, com exigências que debilitam e desorientam as mulheres. Assim, Rami viverá de modo cambiante entre a cultura tradicional de seu país e aquela que aprendeu como “correta” – a cultura branca ocidental. E concluirá que esses dois lugares, o da tradição e o da modernidade, são lugares opressivos para as mulheres, não permitindo que estas se construam como sujeitos, somente como objetos:

Navego numa viagem ao tempo. Haréns com duas mil esposas. Régulos com quarenta mulheres. Esposas prometidas antes do nascimento. Contratos sociais. Alianças. Prostíbulos. Casamentos de conveniência. Venda das filhas para aumentar a fortuna dos pais e pagar dívidas de jogo. Escravidão sexual. Casamentos aos doze anos. Corro a memória para o princípio dos princípios. No paraíso dos *bantu*, Deus criou um Adão. Várias Evas e um harém. Quem escreveu a Bíblia omitiu alguns factos sobre a gênese da poligamia. Os bantu deviam reescrever sua Bíblia. (CHIZIANE, 2004, p. 39-40).

Perceber-se como parte de uma prática tão tradicional como a poligamia a faz questionar porque ela, uma mulher urbana,

com família e criação cristã, tem que enfrentar a poligamia do marido. E quando ela se vê nesse entre-lugar, não pertencendo totalmente a nenhum dos dois lados, começa a sua reflexão, a sua transformação:

A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal. [...] Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir. (CHIZIANE, 2004, p. 18-19).

Ela não consegue entendê-la como uma partilha; Rami consegue entender a poligamia através do sentimento, da dor, da humilhação de ser mulher e ter que se submeter a dividir algo tão importante como o objeto do seu amor:

Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao teu lado. Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco para alimentar o senhor. Enquanto prova cada prato ele vai dizendo: este tem muito sal, este tem muita água, este não presta, este é azedo, este não me agrada, porque há uma que sabe cozinhar o que agrada. É chamarem-te feia, quando és bela, pois há sempre uma mais bela do que tu. É seres espancada em cada dia pelo mal que fizeste, por aquele que não fizeste, por aquele que pensaste fazer, ou por aquele que um dia vais cometer. (...) Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus tratos que sofreu com a sua própria sogra. (CHIZIANE, 2004, p. 91).

Além disso, Rami é capaz de enxergar a poligamia como uma prática opressora, que reforça nas mulheres o sentimento de inferioridade e subjugação, além de perpetuar o mito do poder masculino, baseado na cultura patriarcal. Rami sabe que

Poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. (...) A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelo simples facto de ter nascido homem. (CHIZIANE, 2004, p. 92).

Ainda que a crítica à poligamia seja evidente, há um contraponto que reclama a tradição, pois Tony é um adúltero à moda ocidental e não um polígamo à moda africana:

Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender. A poligamia dá privilégios. (...) No comício do partido aplaudimos o discurso político: abaixo a poligamia! Abaixo! Abaixo os ritos de iniciação! Abaixo! Abaixo a cultura retrógrada! Abaixo! Viva a revolução e a criação do mundo novo! Viva! Depois do comício, o líder que incitava o povo aos gritos de vivas e abaixos ia almoçar e descansar em casa de uma segunda esposa. Todo o problema parte da fraqueza de nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia poligamia, introduziram-na. Onde havia, baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados! (CHIZIANE, 2004, p. 92-93).

Rami, uma mulher assimilada, que considerava-se educada e cristianizada, ao descobrir a poligamia do marido passa a questionar os valores e os estatutos sociais em que acreditava. A personagem desnuda a hipocrisia do comportamento de seu povo, que quer sair da tradição para adentrar no mundo dito moderno, mas acaba por não se desligar totalmente de um, nem entrar totalmente no outro. Um trecho da narrativa retrata bem a reflexão que Rami faz sobre a interferência da cultura ocidental, via colonização, na cultura de seu povo:

Estas aulas são os meus ritos de iniciação. A igreja e os sistemas gritaram heresias contra estas práticas, para destruir um saber que nem eles tinham. Analiso a minha vida. Fui atirada ao casamento sem preparação nenhuma. Revolto-me. Andei a aprender coisas que não servem para nada. Até escola de ballet eu fiz – imaginem! Apreendi todas aquelas coisas das damas européias, como cozinhar bolinhos de anjos, bordar, boas maneiras, tudo coisas da sala. Do quarto, nada! A famosa educação sexual resumia-se ao estudo do aparelho reprodutor, ciclo disto e daquilo. Sobre a vida a dois, nada! Os livros escritos por padres invocavam Deus em todas as posições. Sobre a posição a dois, nada! E na rua havia as revistas de pornografia. Entre a pornografia e a santidade, não havia nada! Nunca ninguém me explicou por que é que um homem troca uma mulher por outra. Nunca ninguém me disse a origem da poligamia. Por que é que a igreja proibiu estas práticas vitais para a harmonia de um lar? Por que é que os políticos da geração da liberdade levantaram o punho e disseram abaixo os ritos de iniciação? É algum crime ter uma escola de amor? Diziam eles que essas escolas tinham hábitos retrógrados. E têm. Dizem que são conservadores. E são. A igreja também é. Também o são a universidade e todas as escolas formais. Em lugar de destruir as escolas de amor, por que não reformá-las? O colonizado é cego. Destrói o seu, assimila o alheio, sem enxergar o próprio umbigo. (CHIZIANE, 2004, p. 44-45).

Rami, ao se conscientizar de sua condição de indivíduo que vive em um entre-lugar, percebe que não pode aceitar que o mundo feminino, o seu mundo, exista apenas com as dimensões e limites que são impostos pelo olhar masculino e pelas tradições. Ela se aproveita da fraqueza de seu marido e das contradições culturais da sociedade moçambicana para libertar moral e fisicamente seu corpo. Ainda que seja uma vítima da tradição, acaba valendo-se da própria tradição para (re)construir sua identidade e se posicionar como uma mulher-sujeito. Ela se aproveitará dos dois mundos com os quais está aprendendo a lidar – Moçambique e Europa – para compreender o que é ser mulher em um mundo cujas leis nunca lhe serão favoráveis.

Há um trecho interessante do romance que deixa bastante clara a reapropriação da tradição por Rami: Tony é dado como morto por sua família e, depois do seu enterro, Rami deverá passar por um rito tradicional comum a todas as viúvas, o *Kutchinga* que “é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutchinga*

é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda.” (CHIZIANE, 2004, p. 212). Nesse rito de purificação sexual, Rami será *tchingada* por um parente de seu falecido marido. O escolhido foi Levy, um dos irmãos de Tony. Mesmo sabendo que seu marido não havia morrido e que o homem por quem a família chorava não era o Tony, Rami segue a tradição e retira dela o prazer que tantas vezes lhe fora negado como mulher. Este se transforma em um ato de subversão contra o marido: “Sinto que vou morrer nos braços deste homem. Eu quero morrer nos braços deste homem. Amor de um instante? Que seja! Vale mais a pena ser amada um minuto que desprezada a vida inteira.” (CHIZIANE, 2004, p. 225).

Pouco após a consumação do *Kutchinga*, Tony reaparece, e Rami lhe conta que fora *tchingada* por Levy:

- Quem foi o tal?
 - Foi o Levy.
 - Não reagiste, não resististe?
 - Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavaleiro, aquele teu irmão.
- Falo com muito prazer e ele sente a dor do marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci nas minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força deste mundo.
- És uma mulher de força, Rami. Uma mulher de princípios. Podias aceitar tudo, tudo, menos o *Kutchinga*.
 - Ensinaste-me a obediência e a submissão. Sempre obedeci a ti e a todos os teus. Por que ia desobedecer agora? Não podia trair tua memória. (CHIZIANE, 2004, p. 227-228).

Rami manipula a tradição quando as mulheres, sob sua orientação, aceitam a poligamia de Tony e estabelecem regras para que a prática seja realizada de modo correto e tradicional e que seja igual para todas: nos dias relativos a cada uma, ele terá à sua disposição os melhores pratos e os melhores cuidados. No entanto, também em comum acordo, elas cobram de Tony seus deveres sexuais e econômicos. Elas sabem que não há como legalizar a poligamia perante as leis oficiais, mas exigem que

Tony haja de acordo com as tradições.

Apesar de todo o cuidado e toda a conformação das mulheres, na prática o que ocorre é que os valores e regras da poligamia fazem com que Tony, tendo que desempenhar suas funções conjugais plenamente, enfraquece diante de suas mulheres. E elas, unidas, submetem o marido polígamo a uma dura prova: as cinco, juntas, se despem e subjugam Tony na cama, desafiando a sua masculinidade, transformando-o em um objeto comandado por um poder, agora, feminino:

O chão, sem colchão, tem a dureza das pedras. Saias, blusas, calcinhas formando montículos espalhados ao acaso. À volta do Tony, cinco corpos cobertos com lençóis brancos, como cadáveres na morgue. Move o braço para virar à esquerda. Esbarra com uma muralha humana, não há espaço para movimentar o corpo. Pede licença respeitosamente, levanta-se de rosto coberto de lágrimas. A valentia foi quebrada. (...) Ele olha-me intensamente. Naquele olhar assustado ele pede socorro. Treme num violento espasmo e deixa a descoberto o terror estampado na alma. (CHIZIANE, 2004, p. 144-145).

Sob a batuta de Rami, cada uma das mulheres de Tony vai ingressando no mercado de trabalho e começa a construir sua independência financeira. Ao mesmo tempo, começam a desconstruir, coletivamente, o mito do homem macho, provedor, poderoso. Elas se unem, por mais de uma vez, durante a narrativa, e vão se reconstruindo psiquicamente e psicologicamente, retomando as rédeas das suas vidas, conquistando novos espaços, estabelecendo novas relações, rompendo com a experiência da obediência e estabelecendo novos parâmetros. Desse modo, Tony, o objeto de desejo e de amor de todas elas até então, passa a ser reanalisado, reinterpretado e acaba por se mostrar um fardo, um peso:

— Já ninguém quer o Tony?— pergunta a Saly, num grito.

— O que se passa? Ele está há mais de quinze na minha casa e nunca sai e vocês nada reclamam. Não fizemos nós o pacto da partilha [...]? Eu também preciso do meu tempo. Quero cuidar dos meus negócios, ganhar dinheiro [...] e projectar o meu futuro. Se nenhuma de vós o quer, eu juro, hei-de enxotá-lo à pedrada. Não posso viver com ele eternamente.

— Calma, Saly—, diz a Ju. [...] Cuidar dele tornou-se um fardo. Cozinhar para o almoço e jantar. Preparar a

mesa, levantar a mesa. Suportar-lhes os caprichos a que vocês o habituaram é coisa que nunca mais irei fazer. (CHIZIANE, 2004, p. 263-264).

Rami, com suas ações, parece resgatar a história não contada através do diálogo com as outras mulheres de seu marido, e assim reconstrói não apenas a sua história, mas também a de suas companheiras, que recontam sob uma nova perspectiva suas experiências enriquecidas pelo amadurecimento interno e pela construção de um novo e outro sentido para suas vidas.

- Com as tuas mãos transformaste o nosso mundo, não transformaste, Rami? Dominaste as feras que viviam nas nossas almas. Antes de ti, a guerra era brava. Éramos cadelas soltas na lixeira guerreando-nos pelo Tony, esse osso velho. Éramos estrelas errantes, amorfas. Sopraste-nos com a brisa da tua alma e devolveste-nos o brilho. Tiraste um pouco da tua chama e acendeste as nossas velas. (...) Temos segurança, mesmo que o ex-morto morra. (...) O mundo é meu espelho, o meu quarto, o meu sonho. O mundo é o meu ventre. O mundo sou eu. O mundo está dentro de mim.

- Há maravilhas nas coisas que construístes, Rami. O Tony, coletor de mulheres, e tu, colectora de almas amarguradas, colectora de sentimentos. Congregaste à tua volta mulheres amadas e desprezadas. És brava, Rami. Semeaste amor onde só o ódio reinava. Tu és uma fonte inesgotável de poder. Transformaste o mundo. O nosso mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 254-255).

O trecho acima, demonstra o processo de reconstituição, de (re)feitura de cada uma das mulheres de Tony e a reconstrução do feminino, despedaçado ao longo dos tempos. Segundo Mendes:

Assim é que Rami se faz, anunciando o ocaso do velho estado e o porvir da mulher, demasiadamente mulher, capaz de desagregar a “inteireza” do sujeito tradicional, refém de uma razão objetivante e especializada na verdade científica. Resguardados os quinhões de cada cultura, a africana e a ocidental, pode-se dizer que a protagonista de **Niketché**: uma história de poligamia (CHIZIANE, 2004) reflete no espelho o reverso do processo de descentramento vivenciado pelo homem ocidental que se considerava soberano e viu-se, com o passar do tempo, em farrapos com a difícil tarefa de (re) encontrar um sentido capaz de superar a dissolução antropológica. Rami é retalho que se constitui a

cada dia e acontecimento, é solidão refletida no espelho de si e de sua terra que igualmente luta para afirmar-se como líder de um processo de independência e emancipação, na cumplicidade compreensiva com as diferenças entre as diversas culturas: senas, tsongas, macuas ou macondes. (MENDES, 2009, p. 152).

Considerações finais

A partir das reflexões tecidas ao longo desse artigo, percebemos que, ao escrever sobre trajetórias como a de Rami e narrar as contradições de uma cultura que por tantos anos esteve sob o jugo do colonizador, Paulina Chiziane cumpre, de certa maneira, com o seu papel político e social de intelectual: dizer, contar, falar, narrar, refletir sobre o que acontece em seu grupo, em sua sociedade, negando-se ao silêncio, que só contribui para que as diferenças se tornem cada vez menos respeitadas e discutidas.

Ao focalizar o mundo de suas personagens, a autora revela e denuncia a situação de grande parte das mulheres moçambicanas, em um país preso na dicotomia opressora do colonizador x colonizado e da modernidade x tradição. As mulheres de norte a sul presentes nos dois romances são, na verdade, representações de um feminino (ou de vários) e trazem em si, registrados, os traços da história, da memória e da diversidade cultural do país.

Por meio da personagem analisada, Paulina Chiziane permite-nos reflexões acerca da sociedade moçambicana com base nas figurações do universo feminino e de situações antropológicas e sociológicas que denotam o imaginário social e cultural de Moçambique. Assim, “o romance atende ao propósito da autora de, por meio da literatura, exprimir o quadro de dilemas e situações de opressão pelos quais passam as mulheres negras moçambicanas.” (DIOGO, 2013, p.74).

Não podemos, dessa forma, deixar de caracterizar a escrita de Chiziane como uma escrita de resistência, já que ela rasura os valores canônicos e fala da história de opressão vivida pelas mulheres de seu país. Além disso, sua obra está fortemente marcada, como qualquer manifestação artística, cultural ou política em África, pelo contexto da guerra, do sofrimento, do jugo do colonizador, que não só coloniza fisicamente, mas também psicologicamente e culturalmente e talvez venha daí o

seu poder tão arrasador.

Também não devemos nos esquecer que Paulina escreve de um lugar no qual a tradição da palavra falada é bastante forte e onde a palavra escrita chegou muito tardiamente, sendo usada, muitas vezes, como arma de dominação e tentativa de apagamento da identidade dos grupos subjugados ao poder colonial. Por isso, é tão significativo o uso, por Paulina, da escrita em língua portuguesa, a língua do colonizador, para trazer à tona, denunciar e propor uma reflexão sobre o universo de subjugação e apagamento feminino.

Paulina e seu trabalho intelectual dialogam com Edward Said quando o professor palestino parece nos lembrar que somente a distância e a crítica podem propiciar um duplo olhar, avesso à culpa e à culpabilização. O que interessa para o intelectual pensado por Said não é a dualidade bem x mal; o que realmente importa, e é a primeira tarefa do intelectual, é a desconstrução de ideias que, em um certo ponto, se tornaram hegemônicas, chamadas muitas vezes de tradições. E Paulina, corrobora e demonstra, em suas obras, o efeito paralisante dessas ideias que acabam por engessar o ser.

Vê-se, nitidamente, que a sociedade moçambicana convive com a opressora e difícil dicotomia tradição x modernidade. É preciso se equilibrar entre os valores ancestrais, muito caros à cultura moçambicana, e entre aqueles considerados “corretos” e “modernos” trazidos pela cultura ocidental. Com esses questionamentos sobre a tradição Moçambicana, Paulina Chiziane constrói narrativas que são uma denúncia das formas de dominação e subjugação feminina e indaga como a tradição sobrevive a este novo formato social, híbrido, herdado via colonização da cultura ocidental.

Suscitando reflexões como essas, Paulina Chiziane acaba se enquadrando naquilo que, para Said configura e forma um intelectual: alguém que representa, articula uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, uma filosofia e uma opinião para o público. Seu papel é de alguém que levanta publicamente questões embaraçosas, confronta ortodoxias e dogmas. Não pode ser um pacificador, nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos têm a dizer e sobre o que fazem.

A escrita de Chiziane aponta diferentes perspectivas para as

mulheres. A representação do olhar feminino é realizada pelas mãos de mulheres negras, oriundas de lares humildes e de situações de opressão. Dessa forma, sua escrita evidencia tensas situações estruturais pelas quais passam as mulheres negras em Moçambique. Por isso, não há como não classificarmos sua escrita como de resistência.

Não podemos deixar de analisar a obra de Chiziane sem levar em consideração que essas produções se realizam em um território permeado pelas relações de poder. Estamos falando de um sistema patriarcal, sob o qual a escrita feminina está tentando dar visibilidade também ao seu discurso, ao mesmo tempo em que está fazendo contrapontos com ele. Assim, a escrita de Paulina revela uma leitura crítica sobre a condição da sociedade moçambicana sem, contudo, ser manifestada por meio da fala altissonante em praças e vias públicas, mas por meio da ação pela palavra. A autora acaba por atualizar um discurso que inclui questionamentos e denúncias, dando voz e possibilitando a reflexão de partes dessa sociedade que são “silenciadas”, que não têm direito à voz, tampouco à escuta. Seu objetivo é tentar incutir na mulher moçambicana uma mudança consciente.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze to what extent the writings of Paulina Chiziane uncover the contradictions and difficulties Mozambiquen women face. To accomplish such endeavor, we will study the character Rami from the novel *Niketche: uma história de poligamia* (2004). It seems the author has a vertical view of the feminine universe when she translates the discomfort and anxieties of women silenced in oppressive patrilineal spaces.

Keywords: Mozambican literature. Paulina Chiziane. female characters. Oppression female.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano: Entre Intenções e Gestos*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n. 1, 1997.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Coord.). **Eu, mulher em Moçambique**. República de Moçambique: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, 1994.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista a Revista Leituras. **Jornal Público**, Leituras, Lisboa, p. 4-5. 1999a.

CHIZIANE, Paulina. Escrevo estas coisas e fico arrepiada. **Expresso**, Lisboa, 4 dez. 1999b.

CHIZIANE, Paulina. Nunca houve arma mais fulminante que a mulher. **Público** – Suplementos Leituras, p. 1-5, 13 nov. 1999c. Entrevista concedida a Kathleen Gomes.

CHIZIANE, Paulina. Paulina Chiziane a escrita no feminino. **Revista Moçambique**, Seção Literatura – Câmara de Comércio Portugal Moçambique, n. 23, dez. 1999d. Entrevista concedida a Manuela Sousa Guerreiro. Disponível em: <<http://WWW.ccpm.pt/paulina.htm>>. Acesso em: 12 jan.2011.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. 3ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

COELHO, Eduardo Prado. Novas configurações da função intelectual. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 13-22.

CURY, Maria Zilda; WALTY, Ivete Lara Camargos. (Org.). **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFM, 2008.

DIOGO, Rosália Estelita Gregória. Conceição Evaristo e Paulina Chiziane: escritas de resistência. 2013. 216f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

GUINSBURG, Jaime. Autoritarismo e literatura: a história como trauma. In: Revista eletrônica **Vidya**. V. 19, n. 33, p. 43-52, 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/533/523>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HANCIAL, Nubia. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org). **Conceitos de Literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MATA, Inocência. Paulina Chiziane: uma colectora de memória imaginadas. **Metamorfoses**: Revista da Cátedra. Lisboa, p. 135 -142, 2000.

MATA, Inocência. Paulina Chiziane: **Mulheres de África no espaço da escrita**: a inscrição da mulher na sua diferença. In: PADILHA, Laura Cavalcante; MATA, Inocência (Org.) . **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri: Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 421-440.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: LEÃO, Angela Vaz (org). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MENDES, Marli Maria. **Abraço utópico entre Logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane**. 2009. 197f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

MOISÉS. Albino. Paulina Chiziane: **o que é ser escritora em meu país**. Entrevista concedida por Paulina Chiziane. Disponível em www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml . Acesso em 15 nov. de 2012.

PADILHA, Laura Cavalcante; MATA, Inocência (Org.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri : Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006.

RAINHO, Patrícia. A escrita no feminino e a escrita feminista em Balada de amor ao vento e Niketche: uma história de poligamia. In: PADILHA, Laura Cavalcante; MATA, Inocência (Org.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri : Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhias das Letras, 2003.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.11-28.

SANTOS, Cristina Mielczarski dos. A presença da voz em **Niketche**, de Paulina Chiziane. **Nau Literária**: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão do testemunho das catástrofes Históricas. In: **Revista de Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, p.67-68, 2008.

SILVA, Eufrida Pereira da. Falar para curar, ouvir para aprender – **Niketche**: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, p. 92-107, jul./dez. 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.